

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONEXÃO NECESSÁRIA ENTRE A PRÁTICA DOCENTE E AS TEORIZAÇÕES

Paula Adriana Rodrigues *

Resumo: O presente trabalho abordará uma pesquisa qualitativa de levantamento bibliográfico e está embasada nas concepções de Loris Malaguzzi (1999), Maria Montessori (1965), John Dewey (1959) entre outros autores. O estudo tem como problema de pesquisa analisar o papel dos educadores na Educação Infantil e objetivo geral investigar como ocorre o processo de desenvolvimento da criança; como objetivos específicos pesquisar a importância da organização de materiais e espaços pensados para atender as necessidades das crianças; reconhecer a escola como mediadora do processo de aquisição de conhecimentos, resolução de conflitos e diversidades sociais. A escola possui um papel fundamental na vida dos indivíduos, pois é um espaço formador de experiências, conhecimentos, sentimentos e ideias compartilhadas entre todos que fazem parte deste contexto. Neste ambiente o professor atua como facilitador do diálogo, da ação conjunta e da construção do saber pela criança.

Palavras-chave: Prática. Educadores. Crianças. Escola.

Considerações iniciais

A presente pesquisa traz como tema de abordagem a reflexão da prática dos professores da Educação Infantil. Embasada nos autores Loris Malaguzzi (1999), Maria Montessori (1965) e John Dewey (1959) têm como objetivos de pesquisa analisar como acontece o processo de desenvolvimento da criança; pesquisar a importância da organização de materiais e espaços pensados para atender as necessidades da criança; reconhecer a escola como mediadora do processo de aquisição de conhecimentos, resolução de conflitos e diversidades sociais.

* Licenciada em Pedagogia Anos Iniciais pelo Centro Universitário Franciscano- UNIFRA. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional- UNINTER. Pós graduanda pelo curso de Especialização EAD em Alfabetização e Letramento pela UNINTER. Professora da Unidade De Educação infantil Ipê Amarelo – UFSM. E-mail: profepaulaatelie@gmail.com

A importância da referida pesquisa reside em viabilizar uma análise voltada às práticas pedagógicas dos professores de Educação Infantil nos ambientes de ensino-aprendizagem sendo a criança em seu pleno processo de desenvolvimento o eixo central deste estudo.

Neste contexto o papel do professor é acima de tudo ouvinte, observador, desafiador, mas também de experiente, pois se centraliza na provocação de oportunidades compartilhando emoções intensificadas pelos pequenos.

As crianças neste espaço educacional são vistas como seres protagonistas e competentes que por meio da sua autonomia buscam se desenvolver através do diálogo e da interação com os outros, no ambiente das salas de aulas, da cultura e da comunidade da qual estão inseridas, sendo os professores guias deste processo.

Conforme Malaguzzi, L. (1999) nos diz que,

A criança é competente para criar relações, para se comunicar- eu arriscaria dizer para viver. Cada criança que nasce é um “pode ser” de humanidade, é uma possibilidade, o começo de uma esperança, e é profundamente influenciada pelos níveis de percepção, vontade, coragem e política do País que a recebe. As crianças não são apenas o nosso futuro, nas quais investimos oprimindo seus sonhos e sua liberdade de ser alguma coisa diferente daquilo que desejamos para elas. Elas são o nosso presente. A criança não é uma cidadã do futuro; ela se torna cidadã desde o primeiro instante de vida, e ainda a mais importante de todas, porque representa e traz o “possível”, uma declaração que, para mim, não tem nenhuma retórica. A criança é portadora, aqui e agora, de direitos, de valores, de cultura: a cultura da infância.

Dessa maneira, é nossa tarefa como educadores criar contextos sociais, políticos e educacionais que atendam as necessidades das crianças e dialoguem com o seu potencial de construção dos direitos humanos.

Nesse contexto os direitos das crianças estão assegurados conforme a Lei Federal 9394\96 – Lei De Diretrizes e Bases Da Educação Nacional, Resolução nº 5, de 17 de Dezembro de 2009, a qual fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, seção II, artigo 29, que ressalta a importância da educação infantil como primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Também é evidenciada na lei que todas as crianças deveriam ter o tempo de desfrutar de sua infância por meio de brinquedos e brincadeiras, pois através da ludicidade elas estimulam suas potencialidades como a criatividade, a autonomia, a criticidade, a expressão, a linguagem e também os aspectos afetivos, cognitivos e sociais.

Outra autora que estuda o desenvolvimento infantil é Maria Montessori, na qual coloca o conhecimento da biologia a serviço da educação das crianças.

A autora evidenciada anteriormente prefere deixar que a vida psíquica da criança se expanda livremente; suas preferências e interesses são estimulados por meio de brinquedos apropriados que colaboram para que a criança se desenvolva no seu tempo e conforme suas possibilidades.

Para Montessori a pequena infância (dos 0 a 6 anos)- período do espírito absorvente- é um período de grandes transformações onde o indivíduo se constrói e não pode agir diretamente. Nessa fase a criança necessita de liberdade que lhe permita ter iniciativas.

A etapa da pequena infância (dos 0 aos 6 anos) divide-se em duas fases: a do espírito absorvente inconsciente (dos 0 aos 3 anos) e a do espírito absorvente consciente (dos 3 aos 6 anos) onde, na primeira fase o intelecto tem como tarefa receber do mundo, ou seja, alimenta-se inconscientemente do seu meio envolvente e armazena materiais que depois lhe servirão para edificar sua vida consciente.

Já, na segunda fase de desenvolvimento a criança começa a andar, torna-se consciente e todas as faculdades anteriormente citadas vêm à tona por meio das mãos das crianças, sendo elas instrumentos do cérebro que auxiliam na sua construção.

Montessori identifica nessa etapa seis períodos sensíveis de desenvolvimento- sensibilidade à ordem, à linguagem, ao caminhar, aos aspectos sociais da vida, aos pequenos objetos e a aprender por meio dos sentidos, sendo essas ideias que dão suporte ao método Montessoriano.

Outro estudioso que discute em sua autoria o desenvolvimento da criança é John Dewey. Considerado como o profissional da educação reflexivo o autor trabalha por meio de projetos que podem ser considerado uma das mais fortes expressões da proposta da educação a experimentação e a investigação.

Atualmente o trabalho por projetos está presente em muitas recomendações da pedagogia que defendem ações inovadoras na educação da infância. É considerado essencial no processo educativo por representar a conexão entre os saberes da criança e os saberes mais elaborados do plano curricular.

Nos projetos a criança é a investigadora. As mediações das atividades não podem vir em forma de ordens pelos adultos (professores), pois pode tirar da criança a possibilidade de formular hipóteses e realizar novas descobertas.

Para que os projetos tenham significado na educação devem contemplar no seu decorrer os desejos, os impulsos e as primeiras sugestões das crianças. “A imitação é

importante no processo de desenvolvimento infantil, mas não deve representar a melhor forma de iniciação de atividades reflexivas”. (Dewey, 1959a, p.21).

Nessa perspectiva, o adulto deve perceber os interesses das crianças, investigar a formulação de problemas e orientar o processo de investigação, antecipando os caminhos possíveis. Cabe a este profissional descobrir e organizar projetos que estejam ao alcance das crianças e permitam observações e deduções mais ampliadas.

Para o autor anteriormente elencado (1959, p. 214-215), os projetos possibilitam a apresentação de

Problemas típicos que devam ser resolvidos por reflexão e experimentação pessoal e pela aquisição de conteúdos definidos do conhecimento capazes de levar mais tarde, a noções científicas mais especializadas. (...) Trabalhar em projetos significa planejar um trabalho inteligente consecutivo que propicie uma familiaridade da criança com os métodos investigativos e com a experimentação.

O trabalho por projetos é concretizado na educação quando se considera como ponto de partida os interesses e as experiências das crianças e se oportuniza a ampliação dessas experiências para outras cada vez mais complexas e elaboradas. Isso acontece mediante um trabalho protagonizado pelas crianças, sob os olhos dos adultos os quais dão suporte, organizam situações e registram as experiências em desenvolvimento.

1 Mestre humilde

A criança deve se beneficiar de uma educação que vise o pleno desenvolvimento da personalidade humana e de suas potencialidades. Nesse sentido, a educação não pode ser interpretada por apenas aquilo que o professor dá, mas é um processo natural que se desenvolve no indivíduo por meio do seu contexto cultural e ambiental no qual está inserido.

Dessa maneira, a tarefa do professor não está apenas em falar, explicar e transmitir conteúdos, mas preparar e dispor um ambiente acolhedor preparado para receber as crianças em sua plenitude.

Nessa concepção, compete ao educador ajudar a desenvolver a vida da criança, facilitando-lhe a expressão do potencial de que é portadora, mediando o caminho para a descoberta de si e de suas potencialidades.

O educador é o construtor do ambiente educativo, ele precisa interpretar as necessidades das crianças para auxiliá-las cuidadosamente e preparar-lhe um ambiente

adequado. Desta forma, iniciaria uma nova era na educação, a de “auxílio à vida”. (MONTESSORI, 1936 apud OLIVEIRA, F. 2007, p.123).

Ele também deve possuir uma sensibilidade imensa, ser consciente e estar disponível; ter um conhecimento contínuo sobre as crianças e os pais e acima de tudo, possuir habilidades para ouvir, falar e aprender com os pequenos e suas famílias.

Atender a todas essas demandas exige dos educadores um questionamento constante sobre sua prática, encontrando maneiras de documentar as experiências progressivas das crianças na escola, desenvolvendo e preparando um trabalho de qualidade voltado às crianças, mas também apreciado pelas famílias e pelos professores.

Além disso, o profissional que atua no universo infantil- com as crianças e todos os outros indivíduos- sente a necessidade de crescer profissionalmente e também de tentar coisas novas, se desafiando cotidianamente neste ambiente rico em possibilidades.

E, além disso, ser conscientes das concepções que as crianças formam sobre os adultos e suas ações, tendo como objetivo construir relacionamentos sólidos com as crianças para que sejam produtivos, amigáveis e estimulantes para elas.

Ademais, devem ter um olhar sensível e escutá-las, respeitando seu tempo de desenvolvimento; estar conscientes que a prática não pode separar-se dos objetivos ou dos valores e que o crescimento profissional vem gradualmente pelo seu esforço individual. De uma maneira muito mais envolvente, das trocas de experiências com as crianças, os colegas, pais, especialistas e das pesquisas as quais fazem parte do seu trabalho. Na verdade, educação sem pesquisa ou sem desafios é educação sem interesse para as crianças.

Desse modo, é de extrema relevância que tenhamos respeito pelo profissional da Educação Infantil, que dedica sua vida diariamente, divide seus saberes e inteligências, suas habilidades e possibilidades com as crianças e tenta transformá-los em 100 diálogos cotidianamente. Que atuem em parceria com as crianças sendo mediadores no contexto educacional.

Assim alcançarão o maior potencial da educação que é o de ensinar e aprender.

2 Espaços educacionais pensados para nossas protagonistas

O ambiente educativo é considerado como um educador para as crianças, pois para atingir as necessidades das nossas protagonistas ele tem de permanecer atualizado e sensível; ser flexível e modificado constantemente com o auxílio das mesmas e dos professores visando à construção do conhecimento.

Para Loris Malaguzzi, promotor de uma filosofia da educação construtivista inovadora e criativa nas escolas de Reggio Emília na Itália, os materiais, as estruturas e os objetos não podem ser considerados materiais cognitivos passivos; ao contrário, são vistos como elementos que preservam e são preservados pelas ações dos indivíduos que agem nela.

De acordo com o autor anteriormente citado (1999, p. 62),

Valorizamos o espaço devido ao seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividades, e a seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizado social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele.

O espaço educativo de criatividade, autonomia e ludicidade é conhecido nas escolas de Reggio Emília como um ateliê, que possui variedades de materiais e recursos utilizados pelas crianças quanto pelos educadores. Neste ambiente de materiais diversificados chama a atenção a quantidade e variedade de elementos da natureza- como por exemplo terras, areias, folhas, pedras, cascas de árvore, rolhas, plásticos, lacres, garrafas, tampas, potes, argila cuidadosamente organizados e classificados em prateleiras facilitando a apreciação e o manuseio pelas crianças e demais apreciadores.

Nesse sentido, o ateliê é visto como um espaço que fala e veicula mensagens, o lugar em que as cem linguagens são respeitadas e desenvolvidas.

De acordo com Vecchi (1999, p.130),

O atelier serve a duas funções. Em primeiro lugar, ele oferece um local onde as crianças podem tornar-se mestres de todos os tipos de técnicas, tais como pintura, desenhos e trabalhos com argila- todas as linguagens simbólicas. Em segundo lugar, ele ajuda que os professores compreendam como as crianças inventam veículos autônomos de liberdade expressiva, de liberdade cognitiva, de liberdade simbólica e vias de comunicação.

Num ambiente rico em possibilidades a criança é encorajada a explorá-lo e a se manifestar nas mais diferentes linguagens- desenho, pintura, palavras, dramatizações, colagens, esculturas, música, sendo esta produção intensa de representações um caminho que conduz a níveis de habilidades simbólicas e criatividade bem desenvolvidas na visão dos educadores.

No contexto educacional um dos primeiros fatores para que se tenha uma educação de qualidade é o ambiente acolhedor, agradável e tranquilo que se oferece à criança, facilitando dessa maneira meios necessários para o seu desenvolvimento.

De acordo com MONTESSORI, 1932 apud OLIVEIRA, F. 2007, p.122,

A principal modificação ambiental dá-se no mobiliário escolar, que suprime os bancos e adota uma configuração de lar doméstico, de “casa” à medida da criança: pequenas cadeiras, pequenas mesas, com toalhas, jarras de flores, e arranjo floral, algumas pequenas poltronas, um lavabo muito baixo com as prateleiras laterais, brancas e laváveis, para colocar o sabão com as pequenas escovas e as toalhas, armários baixos e compridos com várias portas de fechadura e chave acessível para abrir, fechar e colocar objetos e cobertos com toalhas, pequena bacia com peixes vivos, pequenas lousas nas paredes em volta e em baixo e entre elas caixas com giz e a classe pagadores sobre as quais são alinhados quadros de crianças, cenas familiares e campestres, animais domésticos. Com uma casa à sua medida, a criança pode escolher a posição que lhe agrada (em vez de se sentar em seu lugar), com algum movimento menos gracioso das cadeiras e mesas experiência a sua incapacidade e virá a saber mover-se com graça e discernimento, o que não aconteceria através da imobilidade e do silêncio.

A sala deve ser um ambiente preparado para atender as potencialidades das crianças. O crescimento social ocorre quando ela interage nesse meio com crianças de diferentes idades para que os mais velhos possam ajudar os mais novos com os materiais. Além de se organizarem conforme os grupos familiares, se o meio ambiente é estimulante, há progresso social e moral, pois os que aprendem solucionam os problemas por conta própria ou como membros de um trabalho cooperativo.

Um ambiente favorável para aprendizagem das crianças também é estudado por Dewey, que, de acordo com o autor é necessário garantir um ambiente educativo em que sejam recriadas condições para que as crianças possam receber problemas e conseguir solucioná-los fazendo suas próprias interpretações, ou seja, suas próprias ideias sobre o problema.

As insistências de Dewey sobre a experiência e o pensamento reflexivo vistos no ambiente da prática educativa, revelam a importância da escola ser um grande laboratório em que o ponto inicial para a reflexão e o processo de desenvolvimento sejam as atividades e as experiências primárias vivenciadas neste contexto.

Desenvolver trabalhos com a perspectiva de laboratórios significa levar as crianças a aprenderem a descobrir, dando a elas a possibilidade de serem investigadores, instigando suas curiosidades, enfim, tornando-os sujeitos do seu próprio conhecimento.

3 As diferentes teorias que permeiam o trabalho educativo

A escola deve ser um ambiente formador de experiências, trocas de saberes, parcerias e união entre todos os segmentos que fazem parte deste contexto educacional.

Em latim a etimologia da palavra “escola” significa lazer, tempo livre; tempo para estudar e refletir. Em qualquer relacionamento formador, o tempo é imprescindível para se criar relações.

Para Fillipini (2009, p.63), a escola é vista como um espaço de vida, que acredita no potencial das crianças e tem dela uma imagem positiva: “Cada um de nós tem o direito de ser protagonista, de ter papel ativo na aprendizagem na relação com os outros. Esse é o motor da educação”.

Nesta perspectiva Loris Malaguzzi nos diz que desse modo, uma escola formadora é aquela que dá tempo para as crianças e professores se relacionarem e ficarem juntos, de estabelecerem conexões, de vivenciarem diferenças e aprenderem e que a relação de ensino-aprendizagem não tem um único sentido, pois são diferentes conhecimentos que se estabelecem reciprocamente entre crianças, famílias, professores em prol do saber.

Nesse enfoque, o centro do trabalho pedagógico é a escuta das crianças na qual auxiliam os educadores a veem suas competências se desenvolverem por meio da interação. Dessa maneira, quanto mais competente se vê a criança mais competentes são os professores e a escola.

Portanto, a educação para o autor baseia-se nos relacionamentos e na participação por redes de comunicação e de encontros entre crianças, educadores e pais.

Nesse sentido, a aprendizagem é vista como um fator primordial para uma nova maneira de ensinar. Ela e o ensino devem caminhar juntos, pois educar pode ser a força para aprender a aprender.

Frente a estas concepções, outro estudioso que deixou contribuições teóricas muito importantes para as questões educacionais voltadas ao desenvolvimento, à aprendizagem e à linguagem das crianças foi Lev S. Vygotsky. Em seus estudos o autor se preocupou em relacionar o aprendizado escolar ao desenvolvimento mental das crianças, para explicar a inter-relação entre os conceitos científicos e os cotidianos.

Desse modo, Vygotsky (1998) analisou três teorias: na primeira, o aprendizado é considerado como um processo externo, que não está envolvido ativamente no desenvolvimento; o segundo postula-se que o aprendizado é desenvolvimento, ou seja, cada etapa da aprendizagem corresponde a uma etapa do desenvolvimento; na terceira tenta combinar as duas etapas anteriores, apesar de serem processos diferentes, relacionam-se de maneira que cada um influencia o outro.

O autor evidencia em seus estudos que o aprendizado da criança se inicia muito antes dela frequentar a escola, pois ela já possui uma bagagem, ou seja, nas palavras do autor um aprendizado “pré-escolar”.

Contudo, ao penetrar no relacionamento entre criança e adulto, o psicólogo russo ressalta as vantagens da zona de desenvolvimento proximal, ou seja, a distância entre os níveis de capacidades expressados pelas crianças e seus níveis de desenvolvimento potenciais, alcançáveis com o auxílio de adultos ou contemporâneos mais avançados. (VYTGOTSKY, 1988, p.75).

Seguindo essa linha de pensamento, Oliveira (1999, p.61) afirma que as implicações da concepção de Vygotsky para o ensino escolar devem ser imediatas, pois “se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto do indivíduo que vivem em sociedades escolarizadas.”

Deste modo, o professor deve tomar como ponto de partida o que a criança já sabe, para então, atuar ou interferir na zona de desenvolvimento proximal, levando este ser a alcançar novas aprendizagens que impulsionem o desenvolvimento e se concretizem em novas aprendizagens.

John Dewey também defende que a criança deve aprender fazendo suas próprias descobertas. Para o autor um bom objetivo educacional deve estar pautado em:

(...) aquele que leva a observar a experiência atual do aluno, e, percebendo um esboço de plano de desenvolvimento dessa experiência, conserva este constantemente em vista e modifica-o conforme as condições se apresentarem (...) deve alicerçar-se nas atividades e necessidades intrínsecas do indivíduo que vai ser educado. (DEWEY, 1959 b, p.74)

Esse é um dos grandes desafios dos professores comprometidos com uma educação progressiva. Eles devem reconhecer nas crianças os interesses e as experiências pessoais e considerá-los como ponto inicial para um programa organizado de estudos (DEWEY, 1959^a, p.75)

Na perspectiva educacional Montessoriana, focada numa pedagogia científica, fundamentada em diferentes ciências o foco é a educação, a cultura, o organismo e a fisiologia do corpo humano como condição do homem desenvolver-se em sua plenitude.

O ideal de escola nessa pedagogia reside em propiciar e garantir a espontaneidade da personalidade da criança, de permitir seu livre desenvolvimento em sua infância.

Segundo a autora:

A escola deve ser um lugar onde a instrução seja facilitada em todos os sentidos, e o programa deve ser uma ajuda para orientar-se. O importante é que na instrução ocorra um progresso real sem que a personalidade sofra. E a experiência mostra não apenas que a criança não sofre no estudo, mas também que o exercício mental reforça sua Inteligência. (...) (MONTESSORI, 1968, p. 105)

A criança, segundo Montessori é o ser que reserva em si própria as melhores potencialidades que precisam ser despertadas para o seu melhor desenvolvimento. Os ideais da pedagogia científica defendem que educar é permitir a livre expressão do ser, é liberar seu potencial para que ele se autodesenvolva.

Assim, a educação prática põe o homem em contato direto com o lado prático da vida, com o mundo exterior, permitindo que o mesmo seja apreendido.

Nesse sentido, a tarefa dos professores e da escola é mediar o caminho da aprendizagem, abrir portas para o desconhecido mostrando às crianças o quanto são capazes de se desenvolverem por meio das trocas de experiências, das socializações e de sua própria autonomia em querer descobrir além do que lhe foi transmitido.

4 Metodologia

O presente trabalho abordou uma pesquisa qualitativa de levantamento bibliográfico a qual está baseada nos autores Loris Malaguzzi (1999), Maria Montessori (1965), John Dewey (1959) entre outros autores, tendo como problema de pesquisa investigar o papel dos educadores na Educação Infantil e objetivo geral de pesquisa analisar como ocorre o processo de desenvolvimento da criança; como objetivos específicos pesquisar a importância da organização de materiais e espaços pensados para atender as necessidades das crianças; reconhecer a escola como mediadora do processo de aquisição de conhecimentos, resolução de conflitos e diversidades sociais.

Nesse contexto, a escola possui um papel fundamental na vida dos indivíduos, pois é um espaço formador de experiências, conhecimentos, sentimentos e ideias compartilhadas entre todos que fazem parte deste contexto. Neste ambiente o professor atua como facilitador do diálogo, da ação conjunta e da construção do saber pela criança.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho tivemos como problema de pesquisa investigar o papel dos educadores na Educação Infantil e objetivo geral de pesquisa analisar como ocorre o processo de desenvolvimento da criança.

Dessa maneira, a construção do saber permeado pela mediação dos educadores leva a criança a criar, a se expressar, a elaborar metas, vencer obstáculos, a antecipar resultados, reformular hipóteses, formular estratégias que despertem o interesse dos sujeitos, sendo estas atividades imprescindíveis para o seu crescimento e desenvolvimento pessoal como ser humano.

É evidente que a escola juntamente com os educadores tenha um papel formador e auxilie no desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade, pois ela colabora de forma significativa no desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social da criança.

O objetivo deste ambiente de aprendizagem, ludicidade, criatividade é que a criança aprenda, assimile experiências e informações, incorpore conceitos, atitudes e valores do mundo.

Nesse espaço, o profissional da educação infantil atua como mediador do saber garantindo a efetivação do trabalho pedagógico promovendo mudanças, proporcionando o desenvolvimento do sujeito.

É imprescindível que profissionais que irão atuar na área da educação infantil precisem de uma formação teórica bem fundamentada, mas também de uma vivência lúdica, pois é necessário reaprender a brincar, pensar em espaços próprios para as crianças, materiais diversos ao alcance delas, para que as mesmas possam se expressar, reconhecendo o valor que o profissional tem na constituição do sujeito para o seu desenvolvimento e para a aprendizagem.

Grassi, 2008, p.180 diz que,

Viver é arriscar-se a amar, a ser feliz, a sofrer, a trabalhar, a brincar, a jogar, a frustrar-se, a se decepcionar, a se encontrar, a acertar e errar, (...) a ouvir, saborear e sentir intensamente. Viver é ser e estar integralmente.

Para que a educação tenha significado para a criança, é necessário que o professor observe, medie e participe ativamente do processo de ensino-aprendizagem para que tome decisões coerentes que atendam às necessidades específicas de cada criança.

Afinal o trabalho deste profissional é ensinar, aprender com o outro, buscando e se aperfeiçoando sempre.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** Lei Federal nº9394, de 17 de dezembro de 2009. Rio de Janeiro: Imprensa Federal.

DEWEY, J.M. **Como pensamos.** 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959a.(Atualidades Pedagógicas, vol,2)

DEWEY, J.M. **Democracia e educação.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959b. (Atualidades Pedagógicas, vol.21)

EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

FILIPINNI, Tiziana. O papel do pedagogo. In: Edwards, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FILIPINNI, Tiziana. **As cem linguagens da criança:** Características pedagógicas da experiência dos centros e escolas da infância da municipalidade de Reggio Emilia. Artes Médicas, 2009.

GRASSI, T.M, **Oficinas Psicopedagógicas,** 2 ed. rev. e atual. Curitiba: IBPEX, 2008.

OLIVEIRA, F.J., KISHIMOTO, M.T., PINAZZA, A.M. **Pedagogia (s) da infância:** dialogando com o passado: construindo com o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, M.K. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento-** um processo social histórico. 4ed. São Paulo: Scipione, 1999.

MONTESORI, M. **Mente absorvente.** Rio de Janeiro: Portugália, 1968.

MONTESORI, M. **Pedagogia Científica:** a descoberta da criança. São Paulo: Flambloyant, 1965.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn, Gandini, Lella, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emília:** escutar, investigar e aprender- 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** 6 ed. São Paulo: M. Fontes, 1998.